

1 Introdução

“[A man] must not expose himself to the charge which Avidius Cassius is said to have brought, perhaps unjustly, against Marcus Antoninus; that while he employed himself in philosophical speculations, and contemplated the prosperity of the universe, he neglected that of the Roman empire. The most sublime speculation of the contemplative philosopher can scarce compensate the neglect of the smallest active duty” (Adam Smith, TMS VI.ii.3.6).

Adam Smith (1723-1790) foi, ao lado de David Hume (1711-1776), seu amigo e mentor, uma figura central no chamado “Iluminismo Escocês”¹, um importante capítulo da história da modernidade. A ascendência de Smith, como pensador e homem de letras, no cenário intelectual europeu, estabeleceu-se desde cedo, devido ao enorme sucesso de suas duas obras publicadas, *The Theory of Moral Sentiments* (1759) e *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations* (1776)². No entanto, Adam Smith tornou-se também vítima de seu próprio êxito; ou melhor, do êxito da WN³. A *fortuna* da “Riqueza das Nações” encobriu, nos duzentos anos que se seguiram a sua morte, o trabalho anterior de Smith em filosofia moral. Graças à hegemonia de uma certa leitura laudatória da WN, que a apropria como o marco de fundação da Economia moderna, Smith veio a ser conhecido pela posteridade como um “economista” (a despeito do fato de que Smith se interessava por economia política, e não por economia *tout court*), e

¹ Há uma vasta bibliografia a respeito deste notável florescimento intelectual e cultural ocorrido na Escócia, durante o século XVIII. Para uma visão sinóptica do Iluminismo escocês, recomendo as seguintes coletâneas: “The origins and nature of the scottish enlightenment”, Ed. R.H. Campbell & A.S. Skinner (1982); e a mais recente, “The cambridge companion to the scottish enlightenment”, Ed. A. Broadie (2003).

² Seis edições da TMS (1759, 1761, 1767, 1774, 1781, 1790) e cinco da WN (1776, 1778, 1784, 1786, 1789) foram publicadas por Smith, indicando a popularidade das obras. Para uma avaliação do legado intelectual de ambas, recomendo: Haakonseen & Winch (2006). Sobre a fortuna crítica da TMS, veja-se a introdução dos editores, Raphael & Macfie (1976).

³ Ver a lista no início do texto para as abreviações.

até, caricaturalmente, como um economista de certa tendência ideológica, *malgré lui*, liberal e capitalista. Até bem recentemente, a TMS era vista como uma obra pouco relevante, subsidiária em relação à WN⁴, e os dois livros eram aproximados apenas para propósitos biográficos ou polêmicos.

A visão de Smith como “pai da Economia” e a apropriação de seu legado na defesa de certas causas políticas empobreceram sua obra, obscurecendo não apenas o seu livro em filosofia moral, como também seu trabalho em outras áreas: psicologia, filosofia da linguagem, jurisprudência, retórica, belas-letas e história intelectual. Dotado de uma erudição notável, Adam Smith escreveu e lecionou sobre muitos assuntos, embora tenha publicado apenas dois livros e alguns poucos textos menores⁵. Temos notícia da extensão do seu interesse intelectual através dos trabalhos não publicados, compilados na coletânea póstuma, *Essays on Philosophical Subjects* (1795), e através dos cadernos de notas (descobertos e publicados no final do século XIX e nos anos 60 do século XX) de estudantes de suas palestras em jurisprudência (*Lectures on Jurisprudence*) e em retórica e belas-letas (*Lectures on Rethoric and Belles-lettres*) proferidas em Edimburgo e Glasgow.

Embora Smith ainda seja popularmente conhecido como economista, sabe-se, entre os especialistas, que a economia política representa apenas uma pequena parte em um ambicionado sistema filosófico compreensivo centrado na natureza da atividade humana⁶. Tanto a WN quanto a TMS faziam parte de um imenso, provavelmente irrealizável, plano enciclopédico iluminista, na concretização do qual Smith se empenhou durante toda a sua vida. Além destas duas obras publicadas, e dos EPS, tem-se conhecimento, através de comentários do próprio, de dois grandes projetos deixados inacabados por Smith: o primeiro era “uma narrativa (*account*) dos princípios gerais da lei e do governo, e das distintas revoluções que eles sofreram nas diferentes eras e períodos da sociedade; não apenas no que diz respeito à justiça, mas também à administração pública (*police*),

⁴ É notável, neste sentido, que a TMS não esteja entre os clássicos de seu gênero, e que Adam Smith raramente seja incluído no panteão da filosofia.

⁵ Dois artigos na primeira edição do *Edinburgh Review* (1750); e as *Considerations concerning the first formation of languages* (1761).

⁶ Cf. Haakonssen, 2006; p. 1. Segundo Haakonssen & Winch, a própria economia política era concebida por Smith como um elemento num esquema de política e moral que tinha a teoria moral da TMS como seu fundamento (2006, p. 370).

à fazenda (*revenue*), às armas e a tudo mais que seja assunto do direito”⁷; e o segundo, uma “espécie de história filosófica de todos os diferentes ramos da literatura, da filosofia, poesia e eloquência”⁸. É provável que rascunhos destes trabalhos compusessem a maior parte dos dezesseis volumes manuscritos levados ao fogo a pedido de Smith após sua morte. O primeiro projeto era provavelmente um desenvolvimento das palestras em jurisprudência, parcialmente realizado na WN; e o segundo estaria ligado aos *Essays on Philosophical Subjects* e às palestras de Glasgow em retórica e belas letras⁹.

Como a vida foi curta para a realização de seu plano, e Smith foi escrupuloso (talvez demasiado, do ponto de vista da posteridade) em condenar à destruição seus manuscritos, não há como saber como seria exatamente o *corpus* intencionado em sua totalidade. Não obstante, impelidos pelas indicações de Smith, os estudiosos têm se esforçado para reconstruir a unidade de seu projeto intelectual e a intenção sistemática por trás dos seus fragmentos¹⁰. Desde a descoberta e publicação dos cadernos de notas de estudantes das palestras de Smith em jurisprudência, retórica e belas-lettras, tem-se buscado recuperar a arquitetura do pensamento smithiano e produzir uma imagem mais complexa deste filósofo setecentista do que aquela de “pai da Economia”. Neste esforço, recorre-se, em geral, a análises conjuntas dos trabalhos de Smith, estabelecendo-se pontes entre a WN, a TMS, os EPS, as LJ e as LRBL. Subsidiariamente, como auxílio à compreensão do projeto intelectual de Smith, investiga-se também a relação entre a sua obra e aquela de outros intelectuais escoceses contemporâneos

⁷ Este trabalho é anunciado no último parágrafo da TMS, da primeira até à última edição (ou seja, por mais de trinta anos). No prefácio anexado à última edição da TMS (1790), Smith comenta que a publicação da WN cumpria uma parte deste projeto, aquela que se referia “à administração pública, à fazenda, e às armas”, deixando por realizar uma “teoria da jurisprudência”, a qual, Smith reconhecia, dificilmente seria ainda executada a contento, em função de sua idade avançada. Com efeito, Smith morreria naquele mesmo ano, e os manuscritos desta grande obra inconclusa seriam destruídos por ordem sua. Contemporaneamente, Haakonssen tem tentado desenvolver aquilo que seria a teoria da jurisprudência natural de Smith (Cf. 1982 e 1989).

⁸ Corr. n.º.248; p. 287.

⁹ Haakonssen, 2006; p. 4.

¹⁰ A questão a respeito da unidade do pensamento de Smith é um tema controverso de debate desde, pelo menos, a acusação de inconsistência entre a TMS e a WN que deu origem, no século XIX, ao famoso “problema de Adam Smith” (Cf. introdução à TMS, 1976, p.20-4). Para perspectivas mais contemporâneas a respeito da unidade da reflexão e do *corpus* projetado, veja-se: Griswold, 1999, pps. 29-39; Haakonssen, 2006; Haakonssen & Winch, 2006.

seus, tais como Francis Hutcheson, professor de Smith em Glasgow, e David Hume, seu mais próximo aliado intelectual e pessoal¹¹.

A dissertação que ora se apresenta tem a pretensão de, inserindo-se nesta linha de investigação, esclarecer algo a respeito da coerência sistemática do pensamento de Adam Smith. Para tanto, empreendo uma leitura conjunta de um dos textos de Smith em história intelectual, *The History of Astronomy*, e de sua obra em ética, *The Theory of Moral Sentiments*, suplementando a análise com incursões a textos de David Hume do *Treatise of Human Nature* (1739-40) e do *Enquiry concerning Human Understanding* (1748). Na discussão, que envolve ainda referências pontuais a outros trabalhos de Smith, busco identificar certos elementos que considero importantes na orientação geral da reflexão deste filósofo escocês do século XVIII. Estarei dialogando o tempo todo, durante o percurso, com o trabalho dos principais comentadores atuais de Smith, David Daiches Raphael, Charles Griswold, e Knud Haakonssen, entre outros menos conhecidos, bem como com textos que, embora não diretamente relacionados a Adam Smith, foram considerados relevantes para o argumento e para a sua contextualização.

O ponto de partida do argumento é a idéia básica de que o pensamento de Adam Smith é profundamente marcado por uma concepção bastante negativa a respeito do homem. Segundo essa visão, a imperfeição e a finitude são atributos da existência, impondo certas limitações fundamentais à atividade humana. Pretendo, porém, mostrar que a filosofia de Smith é também (e sobretudo) um esforço de “reconciliação” com a imperfeição. Em outras palavras, toda reflexão smithiana está voltada para a tarefa de demonstrar de que maneira é possível ao homem, a despeito de suas limitações, manter uma existência razoavelmente regular e harmoniosa, e progredir do ponto de vista cognitivo, moral e material. No centro desta reflexão está uma teoria do espírito (*mind*), que toma de empréstimo a Hume sua visão da “imaginação” como uma capacidade sintética e criativa. De acordo com Adam Smith, a imaginação é continuamente mobilizada por um impulso espontâneo e desinteressado para a realização de ordem e

¹¹ Haakonssen & Winch, 2006, p. 368. Haakonssen discute as filosofias morais e teorias da jurisprudência de Hume e Smith conjuntamente em *The Science of a Legislator* (1989). Griswold comenta que ainda há muito a se escrever a respeito da relação entre Smith, Hume e outras figuras do Iluminismo escocês (1999; p.25 n.37).

harmonia nas diferentes esferas da experiência. Em todas as áreas de nossa atividade, tal como representadas por Smith, intelectual, moral, política, econômica, religiosa, vê-se sempre a operação do “mesmo princípio, o mesmo amor ao sistema, a mesma consideração à beleza da ordem, da arte e do artifício (*contrivance*)”¹². Esta atração espontânea do espírito pela ordem “é com frequência o motivo secreto dos mais sérios e importantes empreendimentos (*pursuits*) tanto na vida privada quanto na vida pública”¹³. É este impulso “estético”, segundo o chamo, o móbil que nos dispõe a naturalmente perseguir uma existência regular e harmoniosa e a avançar cognitiva, moral e materialmente. No entanto, embora o espírito tenda naturalmente à regularidade, uma situação absolutamente regular e simétrica nunca se realiza, em função da própria imperfeição do homem. E, de certa forma, é bom que seja assim, pois tal situação não seria nem mesmo suportável por criaturas humanas. O melhor que nós, seres imperfeitos, podemos alcançar é um equilíbrio, continuamente renovado, capaz de reconhecer e incorporar nossas deficiências. É na visualização e consecução deste “melhor possível” que nos auxilia o filósofo smithiano.

Considerei necessário dividir a investigação em dois capítulos, discutindo no primeiro a *History of Astronomy*, e no segundo a *Theory of Moral Sentiments*. A razão desta partilha reside no fato de que estes textos tratam de diferentes esferas da atividade humana, respectivamente: filosófica/científica e moral. Ambas as atividades são, segundo Smith, comandadas pela imaginação e dependem do mesmo móbil estético. No entanto, na medida em que se dirigem a objetos distintos, coisas e eventos num caso, e pessoas no outro, há também uma diferença no modo de atuação da imaginação em cada um. Por isso, denominei o primeiro capítulo, “Os sentimentos intelectuais e a imaginação teórica”, e o segundo, “Os sentimentos morais e a imaginação simpática”.

De acordo com a *History of Astronomy*, a imaginação teórica (o termo é meu), impulsionada pelos sentimentos intelectuais (*idem*), busca ordenar os fenômenos da natureza em narrativas causais, “teorias”. Este modo de operação da imaginação é o fundamento da filosofia teórica, que, enquanto ciência empírica, tem como objetivo ordenar e unificar as aparências do mundo físico de modo a

¹² TMS IV.i.11. Todas as traduções no texto são minhas. O leitor, porém, encontrará as citações destacadas na língua original. Optei por mantê-las assim a fim de preservar certas nuances.

¹³ TMS IV.i.7.

pacificar o desejo do espírito pela ordem. Já a imaginação moral, ou a “simpatia”, como a chama Smith, atua na percepção de pessoas, suas ações e sentimentos, como unidades coerentes, personagens dentro de narrativas morais ou histórias de vida. O móbil estético se manifesta na esfera moral no desejo desinteressado que, segundo Smith, experimentamos, na vida social ordinária, em harmonizar nossos “sentimentos morais”. O modo pelo qual perseguimos este objetivo é buscando avaliar nossas ações e emoções de um ponto de vista comum, público, e, portanto, “imparcial”.

Respeitando esta economia, o primeiro capítulo se dedica a montar um quadro para a discussão que envolve a relação decisiva entre as reflexões de Smith e Hume. Focando-se em um exame da *History of Astronomy*, o capítulo se inicia com um resumo de seu argumento. O passo seguinte é considerar a hipótese de que este ensaio de juventude de Smith esteja ligado à nova ciência da natureza humana proposta por Hume, o que exige uma apreciação do que seja o projeto humeano. Considerei necessário investir ainda em uma compreensão mais aprofundada da filosofia de Hume, com o intuito de explorar uma afinidade mais essencial entre a orientação geral do pensamento de ambos os filósofos e suas teorias do espírito, especialmente no que diz respeito às suas concepções da imaginação. O capítulo se conclui com um breve síntese e com a enunciação de um problema a ser enfrentado no segundo capítulo.

O segundo capítulo se dedica a uma análise da obra de Smith em *Ética*, aproveitando-se do quadro montado no capítulo anterior. A primeira seção discute o que é uma teoria dos sentimentos morais e a visão particular de Smith da ética. Irei argumentar que o estranho título de seu livro está ligado a esta visão. Resumidamente: a *Ética* era entendida por Smith (conforme se depreende de um exame combinado da forma e do conteúdo da TMS) como uma filosofia prática, voltada para encontrar na experiência comum, a partir de uma investigação empírica, uma concepção segundo a qual nós, seres imperfeitos, poderíamos viver juntos e em harmonia. Procedo, então, na seção seguinte, considerando o conceito central da teoria de Smith, a “simpatia” ou a imaginação moral, e o seu modo de operação nos intercâmbios sociais ordinários, orientando nossas percepções e juízos morais. Investigo ainda a noção smithiana de “imparcialidade”, como uma forma de razão prática, e sua concepção de virtude como “conveniência” (*propriety*). O capítulo termina retornando ao tema da imperfeição

em um exame da proposta smithiana de uma “utopia realista”, i.e., moderada pela consideração de nossas deficiências.